

Cachorro Grande na terra dos Titãs e Mutantes

O vocalista do grupo Cachorro Grande, Beto Bruno, fala do novo trabalho musical, das influências roqueiras sessentistas e declara o amor da banda por São Paulo

Por Karen Rodrigues e Renato Goés

Cinema é o quinto disco do grupo gaúcho Cachorro Grande. Pra quem é fã de uma sonoridade amparada no rock clássico, ao ouvir o novo álbum irá perceber algumas sutis diferenças. A principal delas é a melancolia presente na maioria das canções. Será que os integrantes abandonaram o estilo despojado que é tão característico da banda? Será que eles amadureceram? Que nada. As influências de Rolling Stones, The Kinks, The Who, Led Zeppelin e Beatles, instituições musicais da década de 60 e 70, continuam presentes no DNA do Cachorro Grande. Assim, como a irreverência dos cinco integrantes, aliada a utilização de métodos de gravação antigos, priorizando o rolo analógico à gravação digital, que ajuda a reforçar a tese. Além disso, os ouvintes mais atentos irão perceber inserções de bandolins e cítaras. Com 10 anos de carreira, os cinco gaúchos conseguiram vencer o bairrismo do eixo Rio/São Paulo e conquistaram fãs em outros estados brasileiros, não só no Rio Grande do Sul. Tudo graças à qualidade musical do conjunto aliada a muita persistência. Para falar do novo álbum, a *Folha Universitária* entrevistou o bem-humorado vocalista Beto Bruno.

Folha Universitária – Como está o trabalho de divulgação do novo CD?

Beto Bruno – Este é o quinto disco e é o trabalho de divulgação mais corrido que a gente teve. De certa maneira a gente procurava isso. Mas está superando as expectativas. Depois de muito tempo, a gente veio tocar em Porto Alegre, quer dizer, o disco já foi lançado há quatro meses e a gente não conseguiu tocar em Porto Alegre ainda. Estamos bem felizes.

F.U. – A que deve esse retorno que vocês não esperavam?

B.B. – A nossa insistência. São 10 anos de banda, são cinco discos, mas a gente nunca teve uma exposição absurda, a gente nunca teve uma exposição que atrapalhasse nossa vida, nenhuma exposição que as pessoas pudessem encher o saco. Foi tudo de pouco em pouco, cada disco a gente tinha uma exposição um pouco maior, então quando chega em 10 anos, em consequência as pessoas falam assim: “poxa, não era uma bandinha que ia passar, não era um modismo”. Estou correndo por fora, mas estou sempre correndo, então isso acaba criando certo respeito.

F.U. – Vocês se adaptaram bem a esta procura maior da imprensa?

B.B. – É, porque foi de pouco em pouco. Não foi de uma hora pra outra. Se na época do primeiro disco, eu, com 10 anos a menos, tivesse isso tudo, talvez eu não soubesse lidar muito bem. Tenho que confessar que eu ficaria meio mascarado, o que acontece muito. Mas, como veio de pouco em pouco, estamos levando muito na boa, muito tranquilamente e até correndo atrás para que continue isso, sabe? Porque a gente só faz isso, a gente ama isso, então a gente quer estar sempre tocando. E pra nós estarmos na estrada lançando disco, a gente precisa de vocês.

F.U. – Ouvindo o novo disco, deu pra perceber que ele está com um ar mais melancólico. As letras dos outros discos são mais sessentistas e agora estão com um tom mais romântico. A banda está mudando de fase?

B.B. – É uma mudança constante que a gente cobra um do outro. E de um disco pro outro a gente sempre quer que tenha uma certa evolução e alguns arranjos diferentes. Não quer dizer que amadureça, já que pra mim, esse negócio de amadurecer nunca caiu bem, porque o próximo passo de quando amadurece é cair de podre. Do jeito que a gente era uma banda de garagem que fazia rock pesado, hoje a gente está conseguindo incorporar nos nossos discos e nos nossos sons, coisas que a gente sempre gostou, só que um pouco mais delicado e a gente não sabia como fazer. Então, com o tempo a gente veio procurando isso, esse aperfeiçoamento. Não querendo ser careta, porque pra mim careta é ficar parado. Nós somos artistas também, não somos só roqueiros e tal. Acho que a gente representa alguma coisa pra galera que gosta de rock e de arte. Então, a gente tem sempre que estar

reciclado nem que seja o nosso próprio trabalho.

F.U. – O circuito musical do Sul é bem mais fechado. Vocês e a banda Fresno são uma das poucas bandas que conseguiram este espaço no eixo Rio/São Paulo. Qual é o diferencial de vocês?

B.B. – Não quero que me entenda errado, mas acho que a qualidade influencia muito. E pra vencer este certo bairrismo que existe, tem que ter muita qualidade e insistência. Uma coisa que o Cachorro Grande fez é que a gente ia tocar aí (São Paulo) há dez anos e iam 20 pessoas. Só que nós fazíamos questão de voltar no outro mês e tocar pra 30. E daí voltava uns dois anos depois e tocar pra 50. Aí que tá, outras bandas que foram pra São Paulo e tocaram pra vinte pessoas não voltaram mais. Porque aqui tem o mercado deles e está muito cômodo ficar dentro de casa, sabe. Alguns têm família ainda, então pra que eu vou tentar a vida no centro do país, se não estão prestigiando. Então, não chegou a qualidade e nem com a vontade que precisa ter, com a força que precisa ter. Aí é que tá, se você quer a tua banda como um hobby, ou se realmente isso faz parte da sua vida. Porque a coisa mais importante pra mim hoje é a música que eu faço, é a banda que eu toco. E isso vai fazer a diferença. Estou fazendo sucesso mesmo no Sul ou fora do Sul, mas vai chegar num outro lugar e continuar levando o teu trabalho, tem que ter muita qualidade e muita insistência.

F.U. – Para ser conhecido é necessário mesmo vir buscar espaço neste eixo Rio/São Paulo?

B.B. – Com certeza absoluta. Todo mundo procura o centro. À partir de São Paulo a gente começa a fazer shows no resto do Brasil. O Rio de Janeiro nem tanto, tem enfraquecido muito. O Rio de Janeiro não é o mesmo, muito menos pro quesito rock'n'roll. Mas tudo que a gente faz em São Paulo reflete no Brasil inteiro. E tudo que possa fazer no Rio Grande do Sul, o mais interessante é pro



interior do estado. Então, é uma diferença muito grande. Se eu dou uma entrevista aí, o Brasil inteiro vai ver. O pessoal do nordeste vai querer contratar o show, vai querer comprar o disco e aqui fica limitado, regionalizado. Se eu fosse uma banda de música, usasse bombacha e tocasse gaita eu não ia querer sair daqui, aí é que tá!

F.U. – *Vocês têm um estilo mais sessentista e as influências de vocês vão de Pink Floyd até Led*



Zeppelin. Além desses, tem algo atual que vocês ouvem?

B.B. – A banda mais nova que a gente gosta é Kasabian. É uma banda inglesa que fez abertura do show do Oasis nas últimas turnês. Ela não é muito famosa no Brasil, mas daqui a pouco pinta aí. É uma banda incrível. Estamos sempre procurando coisas novas. E o ex-vocalista dos Stone Roses (Ian Brown), que a gente é amarrado e que está fazendo um som novo com uma banda de Oxford. O próprio Oasis nos influencia muito, já não é tão nova, mas é a mais próxima da nossa geração, sabe? Tem muita coisa boa rolando. Sempre vai ter coisa boa rolando. É só ficar de olho.

F.U. – *Como é pra vocês trabalhar com a gravadora Deckdisc?*

B.B. – Já são três discos com eles e está dando certo. Se não tivesse, já teria desligado. A gente nunca esteve numa situação tão cômoda. A gente nunca pode fazer o que a gente queria, mesmo estando

dentro de uma gravadora. Tudo que a gente faz, todas as idéias que a gente dá, eles só ajudam a concretizar. A gente compactua com todas as idéias deles. É o tipo de gravadora que eu posso ligar pro presidente, sabe. É uma gravadora que eu posso ligar pro dono da produtora e, quando vou ao Rio de Janeiro, eu almoço com ele. Eles deixam o lado artístico realmente na mão do artista. Eu não posso reclamar. Tem muita gente reclamando porque não

tem liberdade, tem gravadoras que tem situação econômica muito maior do que a nossa e que podem



Fotos: Cisco Vasques

investir mais em divulgação ou em videoclipe, mas não dão liberdade para o artista. Pra mim, liberdade é o mais importante, mais do que visibilidade.

F.U. – *Falando um pouco em liberdade, uma coisa que a gente percebe que vocês estão bem a vontade é quando fazem videoclipe. Dá uma idéia meio cinematográfica. Vocês curtem fazer?*

B.B. – Muito, muito. A gente se envolve com tudo. Até com o cartazinho que vai sair na cidade do interior, lá da “Cochinchina de Jesus”, a gente cuida tudo disso. E os clipes a gente não ia deixar de lado também. A gente sempre trabalha com diretores que são amigos, pra poder fazer roteiro juntos, editar juntos. É uma curtição, a gente ama isso.

F.U. – *Como vocês lidam com esses novos formatos tecnológicos? Porque vendo o estilo de vocês logo se lembra do vinil. Foi fácil a adaptação?*

B.B. – O máximo que a gente pode fazer é gravar na maneira antiga. A gente continua gravando ao vivo dentro do estúdio, com o mínimo de regravações, coisa que se faz muito hoje em dia. E a gente grava com equipamentos antigos também. Pelo menos a nossa parte a gente faz. O que me chateia dessa geração nova, é que a gente tem todo um cuidado com o equipamento, todo um cuidado com a mixagem e com a produção e isso leva uns quatro meses para compor, gravar, mixar para eles escutarem nas caixinhas do computador, enquanto está fazendo outra coisa no computador. Porque não estão acostumados a pegar um disco e botar na sala no somzão. Essa geração não ouve música, consome música, mas não

ouve música. Ficam ali mexendo no computador enquanto estão ouvindo música e achando que o som é aquele da caixinha do computador. Isso é lamentável! É por isso que muitas bandas acompanham isso, as bandas não duram mais de um disco, não duram mais do que dois verões.

F.U. – *Quem os vê por aqui, consegue identificá-los pelo o esti-*

lo visual da banda, que remete a cultura mod. Essa cultura dá uma impressão de grupo mais fechado, meio gang mesmo, como é a banda?

B.B. – É menos pretensioso. A gente decidiu vestir assim por causa das bandas dos anos 60. E eu acho que uma banda tem que se vestir assim. Eu acho meio estranho quando uma banda sobe no palco com uma roupa de skatista, ou com camisa de futebol. Eu tenho vergonha alheia (risos). É uma maneira de identificar, eu quero que as pessoas nos vejam e falam: aquela é uma banda de rock.

F.U. – *E pra quem ainda não teve a chance de ouvir o novo álbum da banda, o que você tem a dizer sobre ele?*

B.B. – Bom, o *Cachorro Grande* chega no quinto disco, mas esse não é continuação dos outros. Os outros discos pareciam uma evolução um do outro, pareciam realmente continuação. Esse não. Esse a gente intencionalmente levou para outro lado e a gente nunca ficou tão à vontade no estúdio e isso refletiu no disco. A partir de agora é isso daí, cada vez tentar fazer coisas diferentes, cada vez tentar crescer nosso repertório.

F.U. – *E quais são os planos do Cachorro Grande?*

B.B. – Uma banda de rock de verdade precisa ter um bom disco ao vivo. E é o que a gente quer fazer. Provavelmente depois do carnaval. Já estamos colhendo material pra fazer isso. A gravação com certeza será em São Paulo. Foi uma cidade que nos acolheu e a gente ama São Paulo. Enfim, é a terra dos Mutantes e dos Titãs, que é as duas bandas que a gente mais ama.